



SEÇÃO: ENSAIOS

Não há cegos, há cegueira: reflexões acerca do capitalismo tardio em Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago

Reflections on late capitalism in Blindness, by José Saramago

Sandra Aparecida
Ferreira¹

orcid.org/0000-0001-9833-4620
sandra.ferreira@unesp.br

João Carlos Soares dos
Santos¹

orcid.org/0000-0003-3967-4005
jc.santos@unesp.br

Recebido em: 22 mar. 2022.

Aprovado em: 20 maio 2022.

Publicado em: 24 ago. 2022.

Resumo: *Ensaio Sobre a Cegueira* narra os eventos que se desenvolvem durante uma inexplicável epidemia de cegueira que acomete os habitantes de uma cidade não identificada. A narrativa acompanha um grupo de cegos, liderados pela mulher do médico, única personagem que pode enxergar, que se reúnem após serem isolados em um manicômio. Os eventos que acometem os cegos, o tratamento dado à epidemia pelo estado, a imagética apocalíptica, bem como as intervenções do narrador – o que dá ao romance seu caráter de ensaio – contribuem para reflexões acerca do paradigma industrial que rege o modo de vida da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Cegueira. José Saramago. Capitalismo.

Abstract: *Blindness* tells the events that unfold during an inexplicable epidemic of blindness that affects the inhabitants of an unidentified town. The narrative follows a group of blind people, led by the doctor's wife, the only character who can see, who come together after being isolated in a mental institution. The events that afflict the blind, the state's treatment of the epidemic, the apocalyptic imagery, as well as the narrator's interventions – which give the novel its essay-like character – contribute to reflections about the industrial paradigm that governs contemporary society's way of life.

Keywords: Blindness. José Saramago. Capitalism.

"Toda literatura, não importa com que intensidade, deve ser permeada por aquilo a que chamamos de inconsciente político, que toda literatura tem que ser lida como uma meditação simbólica sobre o destino da comunidade"

(Frederic Jameson)

Introdução

Ensaio Sobre a Cegueira (1995) marca uma transição na obra de José Saramago, caracterizada pelo protagonismo de temas que se referem ao crescente paradigma industrial da sociedade contemporânea. O autor opta por descrever representações genéricas do mundo em que vivemos, através de eventos fantásticos, como a epidemia de cegueira na obra de nosso interesse, o voto universal em branco em *Ensaio Sobre a Lucidez* (2004) e o fim da morte em *As Intermittências da Morte* (2005), e personagens genéricos definidos por suas funções sociais, como o



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Assis, SP, Brasil.

médico, a mulher do médico, o violoncelista etc. A tematização do povo português em específico, bem como os romances históricos – *A Jangada de Pedra* (1986), *História do Cerco de Lisboa* (1989) e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1992) marcam este “primeiro período” da obra do autor – são postos de lado, em um movimento que o próprio Saramago (1999) descreveu como a passagem da estátua à pedra,² dando privilégio ao que há de mais universal em nosso paradigma. A obra de Saramago, especialmente no que se refere a nossas indagações, levanta uma reflexão sobre o papel do escritor dentro do próprio paradigma que retrata ao escrever. O escritor não se encontra descolado do mundo, muito pelo contrário, encontra-se unido a ele a ponto de enxergar suas mais profundas estruturas e, através do ato de escrever, representá-las, decifrá-las. Em outras palavras, escrever é desvendar o mundo (SARTRE, 2004). *Ensaio Sobre a Cegueira*, obra de nosso interesse, revela, sob a forma de uma epidemia de cegueira, precisamente os elementos deste paradigma que parecem ter conduzido a humanidade a uma cegueira que, ao contrário da “névoa branca” da obra, manifesta-se como um profundo obscurantismo.

A cidade que serve de cenário ao romance não acusa qualquer identidade específica, é ao mesmo tempo todas e nenhuma, é qualquer cidade. Sua distribuição geográfica, bem como as relações sociais que se desenvolvem em seu seio, não acusam nenhuma especificidade: temos a avenida onde a epidemia tem início, as residências das personagens, o consultório do oftalmologista, os estabelecimentos ocupados pelos cegos, a praça e, finalmente, o manicômio – instituição que surge com a gênese da modernidade e, como veremos, representa justamente a distinção entre o que é considerado racional e o que não é –; no âmbito das personagens,

vemos a ausência de identidade da maioria dos cegos, definidos por suas funções ou características imediatamente observáveis, e dentre as funções privilegiadas na obra destacam-se o médico, oftalmologista, o ladrão, de automóveis, e a prostituta, rapariga de óculos escuros, além dos integrantes do exército. Ao privilegiar a identidade destas personagens, Saramago alimenta o fator genérico de sua obra, evocando funções que, quando e onde for, mesmo com os títulos modificados, fazem parte de uma sociedade, sobretudo da nossa: o médico, o ladrão, a prostituta e o soldado.

Não obstante um evento fantástico, a epidemia de cegueira da obra é tão real quanto as falhas da sociedade contemporânea por ela reveladas. De fato, quando Saramago afirma a cegueira fictícia, também o faz com relação a uma cegueira real,³ afirmação que elucida momentos metalinguísticos onde as personagens percebem que não é a cegueira branca que os faz cegos, pois já não enxergavam anteriormente:

O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos, Quem está a falar, perguntou o médico, Um cego, respondeu a voz, só um cego, é o que temos aqui. Então perguntou o velho da venda preta, Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira. Ninguém lhe soube responder (SARAMAGO, 2017, p. 131).

A cegueira revela nada mais que o imobilismo de uma domesticação dos sujeitos, uma falência de qualquer ímpeto de transformação, uma dessensibilização com relação à vida humana representada pela atitude do estado com relação à cegueira e expressada pelo exército:

A vontade dos soldados era apontar as armas e fuzilar deliberadamente, friamente, aqueles imbecis que se moviam diante dos seus olhos como caranguejos coxos, agitando as pinças

² “No que a mim respeita, vejo as coisas com bastante clareza: acho, simplesmente, que quando escrevi o Evangelho segundo Jesus Cristo era novo demais para poder escrever o Ensaio sobre a cegueira, e, quando terminei o Ensaio, ainda tinha que comer muito pão e muito sal para me atrever com Todos os nomes... À noite, quando passeava no jardim para acalmar os nervos, tive uma ideia que explicará melhor o que quero dizer: foi como se, até ao Evangelho, eu tivesse andado a descrever uma estátua, e a partir dele tivesse passado para o interior da pedra. Pilar acha que é o meu melhor romance, e ela tem sempre razão” (1999, p. 390).

³ “É um pouco como se eu dissesse que nós somos cegos da razão. Essa evidência é que me levou, metaforicamente, a imaginar um tipo de cegueira, que, no fundo, existe. Vou criar um mundo de cegos porque nós vivemos efetivamente num mundo de cegos. Nós estamos todos cegos. Cegos da razão. A razão não se comporta racionalmente, o que é uma forma de cegueira” (SARAMAGO, [1995]).

trôpegas à procura da perna que lhes faltava. Sabiam o que no quartel tinha sido dito essa manhã pelo comandante do regimento, que o problema dos cegos só poderia ser resolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplanções falsamente humanitárias, palavras suas, da mesma maneira que se corta um membro gangrenado para salvar a vida do corpo, A raiva de um cão morto, dizia ele, de modo ilustrativo, está curada por natureza (SARAMAGO, 2017, p. 105).

É comum a concepção de que tal estado revelado pela obra decorre de uma cegueira de razão, uma ausência de lucidez, uma irracionalidade que levou a sociedade contemporânea a uma desumanização epidêmica, ao tapar de olhos frente ao estado em que nos encontramos. Visões como esta são signatárias de um projeto de desenvolvimento baseado na racionalidade que encontra sua melhor expressão no Esclarecimento (*Aufklärung*): "Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado" (KANT, 1985, p. 100). Através do entendimento, o sujeito do Esclarecimento possuiria todas as ferramentas para desvencilhar-se da menoridade, a incapacidade de fazer uso de sua razão de maneira autônoma, e embarcar na autonomia, estado oposto. É a partir desta concepção que a cegueira da obra pode ser interpretada como a queda de uma sociedade esclarecida nas ruínas de um obscurantismo irracional, onde toda a imagética apocalíptica da vida no manicômio e pós-manicômio contribuem, anunciando uma derrocada à barbárie.

No entanto, deve-se destacar que a maioria dos episódios de barbárie descritos na obra não decorrem diretamente da ausência de visão, sendo, na verdade, apenas revelados pela epidemia de cegueira. A decisão de confinar os cegos e os "infectados" no manicômio, fornecer uma quantidade insuficiente de comida e deixá-los sem qualquer manutenção no que se refere à higiene, é tomada por aqueles que podem enxergar muito bem; e mesmo entre os

cegos, o controle da comida, o saqueamento e o estupro de mulheres são atitudes que, como trataremos adiante, não dependem da cegueira e sequer surgiram com ela. A concepção de que a cegueira representa uma queda da humanidade à barbárie é absolutamente ingênua, visto que não suscita nada de novo. Com efeito, a cegueira surge sem anúncios, como um desenvolvimento esperado daquela sociedade. Como veremos, o projeto do Esclarecimento guarda em seu seio a subversão da razão, e a cegueira surge da lucidez assim como o regresso do obscurantismo surge do progresso do Esclarecimento:

[...] a adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 41).

1 Não há cegos, há cegueira

A obra de Saramago, especialmente no período que se inicia com a publicação de *Ensaio Sobre a Cegueira*, em 1995, é potencial fonte de discussões acerca da racionalidade humana. E neste sentido, esta obra nos apresenta uma conclusão ímpar sobre a racionalidade: a cegueira branca não é ausência de racionalidade, mas justamente produto dela. Não é cegueira *de* razão, mas cegueira *da* razão. Em uma sabinina realizada pela *Folha de S.Paulo*, em 2008, o autor afirma que "não se percebeu ainda que o instinto serve melhor aos animais do que a razão serve ao homem" (SARAMAGO, [2008]), ou seja, é precisamente ela, a razão, em sua organização contemporânea, a responsável pela cegueira que nos assola. Saramago prossegue: "Não usamos a razão para defender a vida; usamos a razão para destruí-la de todas as maneiras – no plano privado e no plano público"⁴ (SARAMAGO, [2008]).

⁴ Segue trecho completo sobre a humanidade destacado no site da *Folha de S.Paulo*: "A história da humanidade é um desastre contínuo. Nunca houve nada que se parecesse com um momento de paz. Se ainda fosse só a guerra, em que as pessoas se enfrentam ou são obrigadas a se enfrentar... Mas não é só isso. Esta raiva que no fundo há em mim, uma espécie de raiva às vezes incontida, é porque nós não merecemos a vida. Não a merecemos. Não se percebeu ainda que o instinto serve melhor aos animais do que a razão serve ao homem. O animal, para se alimentar, tem que matar o outro animal. Mas nós não, nós matamos por prazer, por gosto. Se fizermos um cálculo de quantos delinquentes vivem no mundo, deve ser um número fabuloso. Vivemos na violência. Não usamos a razão para defender

Assim, cabe a nós discutir como a cegueira está inserida, enquanto manifestação de uma razão desumana, no contexto do qual é oriunda. Para isso, fragmentos nossa discussão em três momentos: o surgimento da cegueira; a vida no manicômio; e o pós-manicômio.

1.1 A cegueira enquanto desenvolvimento da visão

Por mais que se trate de um evento extraordinário, marcando a ruptura que dá origem a todo o enredo da obra, a cegueira surge sem qualquer anúncio, de modo extremamente mundano, manifestando-se no primeiro cego, enquanto este encontra-se parado em um semáforo. Com efeito, toda a ambientação do primeiro parágrafo trabalha para demonstrar o caráter trivial da cena:

O disco amarelo iluminou-se. Dois dos automóveis da frente aceleraram antes que o sinal vermelho aparecesse. Na passadeira de peões surgiu o desenho do homem verde. A gente que esperava começou a atravessar a rua pisando as faixas brancas pintadas na capa negra do asfalto, não há nada que menos se pareça com uma zebra, porém assim lhe chamam. Os automobilistas, impacientes, com o pé no pedal da embreagem, mantinham em tensão os carros, avançando, recuando, como cavalos nervosos que sentissem vir no ar a chibata. Os peões já acabaram de passar, mas o sinal de caminho livre para os carros vai tardar ainda alguns segundos, há quem sustente que esta demora, aparentemente tão insignificante, se a multiplicarmos pelos milhares de semáforos existentes na cidade e pelas mudanças sucessivas das três cores de cada um, é uma das causas mais consideráveis dos engorgitamentos da circulação automóvel, ou engarrafamentos, se quisermos usar o termo corrente (SARAMAGO, 2017, p. 11).

Como se pode ler, não existe aqui qualquer alusão a um evento de grandes proporções, muito pelo contrário, ilustra-se um momento corriqueiro vivenciado em qualquer cidade grande, média e, até mesmo, pequena. A reflexão realizada encontra-se em sintonia com a ambientação, trata-se de um problema banal, genérico: o engarrafamento. Quando um dos carros permanece parado ao sinal verde, momento que perturba a harmonia da cena, a suposição é de um problema mecânico,

falta de gasolina etc. e "não seria a primeira vez que se dava o caso" (SARAMAGO, 2017, p. 11). No entanto, mesmo com o anúncio da cegueira pelo primeiro cego, o caráter trivial da cena é mantido: uma anônima supõe um problema passageiro nos nervos, condutores imaginam um acidente, anônimos gritam para que chamem a polícia e, por fim, o primeiro cego rejeita ser levado ao hospital pois "não queria tanto" e a passagem encerra-se com um bondoso anônimo se voluntariando para levá-lo até a sua casa. O tratamento dado à situação, tanto pelo cego quanto pelas testemunhas, reafirma a banalidade da cena já levantada pelo narrador. Silveira (2012), observando a epígrafe da obra, comenta:

A obra traz como subtítulo "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara", olhar é diferente de ver, o que faltava àquelas pessoas era a saída da superficialidade de olhar para entrar na profundidade da arte de ver. A cegueira branca apenas agravou a severidade da cegueira dos habitantes da cidade, que já eram cegos funcionais (2012, p. 3).

De fato, a cegueira, em toda sua trivialidade, anuncia-se como completo oposto à ausência da morte em *As Intermittências da Morte*, já colocada de maneira repentina nas primeiras palavras da obra, seguidas pela constatação de um evento de proporções nunca vistas na história da humanidade:

No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenômeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada (SARAMAGO, 2020, p. 11).

De fato, a cegueira surge e se alastra aos moldes de uma doença, fenômeno muito mais "real" e crível do que a ausência da morte.

A apatia das personagens ganha vigoroso contraste quando colocamos em perspectiva o tratamento dado à cegueira pelo estado, um contraste que, entretanto, perde força quando analisamos a narrativa a fundo. A busca pelo controle da epidemia traduz-se em uma política de encarceramento dos cegos e infectados, que são contidos em um manicômio, sem qualquer comunicação com o mundo externo. Quando a epidemia se alastra de modo irremediável, é invocado o estado de exceção e a vida dos cegos perde o pouco valor que ainda possuía, transição representada pelo crescente racionamento de comida que culmina em sua completa ausência. A política de encarceramento utilizada pelo estado logo transforma-se em política de extermínio, e é no raciocínio dos infectados que ela se anuncia:

Viram os corpos amontoados, o sangue sinuoso alastrando lentamente no chão lajeado, como se estivesse vivo, e as caixas da comida. A fome empurrou-os para fora, estava ali o ansiado alimento, é verdade que era destinado aos cegos, o deles seria trazido a seguir, de acordo com o regulamento, mas agora o regulamento que se lixasse, ninguém nos vê, e candeia que vai adiante alumia duas vezes, já o disseram os antigos de todos os tempos e lugares, e os antigos não eram pecos nestas coisas (SARAMAGO, 2017, p. 90).

Com efeito, a política de extermínio do estado não se manifesta apenas nas mortes causadas diretamente pelo exército, mas também naquelas decorrentes do encarceramento no manicômio. O processo de animalização dos cegos resulta e só poderia resultar na selvageria que emerge a partir do momento em que um desnível de poder é manifestado. Quando pesamos as medidas do estado para contenção da cegueira e a atitude dos cegos confinados, o contraste do qual falamos desaparece. Por mais que o encarceramento dos cegos aponte para uma atitude nada apática por parte do estado, vê-se que tal impressão cai por terra ao constatar-se que as medidas utilizadas não fogem da normalidade. A apatia dos cegos não é estranhável quando colocamos em termos o fato da cegueira emergir com certa naturalidade, como pressuposta. Destarte, o tratamento dos cegos pelo estado

segue um padrão de normalidade, hegemônico na modernidade, ao não só conter e exterminar o diferente, mas criá-lo:

Em suma: se o normal se define mediante a execução de um projeto normativo, este, ao mesmo tempo que engendra o anormal (o anormal é condicionado pelo normal), é acionado por ele (o anormal é condição do normal). Em outras palavras, o anormal é uma virtualidade inscrita no próprio processo de constituição do normal e não um fato ou uma entidade autônoma que definiríamos pela identificação de um conjunto de propriedades delimitadas e imutáveis. O anormal é uma relação: ele só existe na e pela relação com o normal. Normal e anormal são, portanto, termos inseparáveis (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 22, grifo do autor).

É enraizado neste paradigma que a figura do manicômio ganha papel central na obra. Se é a partir de um projeto moderno de racionalismo que a loucura surge como contraste ao racional, de prisão à casa de internamento, desta ao asilo e deste ao *playground* da psiquiatria, o manicômio manteve-se como uma prática de segregação social cujo resultado é a manutenção de uma universalidade da racionalidade burguesa. Diante disso, as afirmações de Frayze-Pereira (1984) – "quando visto do seu interior, o asilo se revela um espaço social onde o doente sofre um processo de acusação, julgamento e condenação" (1984, p. 87) e "as correntes que aprisionam a loucura já não são feitas de ferro, mas sobretudo de palavras" (p. 100) –, não obstante corretas, se mostram deveras brandas quando nos lembramos de que ao caráter fictício do manicômio do *Ensaio* bastam os exemplos de manicômios ainda ativos há poucas décadas no Brasil.

1.2 A cegueira como barbárie

Não é só o tratamento da cegueira pelo estado que está de acordo com o modo hegemônico de tratar o louco na modernidade, mas também o tratamento ao qual os próprios cegos se sujeitam dentro do manicômio. Se o mundo pré-manicômio apresenta as condições para o surgimento da cegueira, a vida no manicômio apresenta a sua realização enquanto barbárie. Em outros termos, aquela alienação que observamos no surgimento da cegueira, manifestada como apatia, atinge, no

manicômio, sua forma final: a animalização. Aqui, mais uma vez, o manicômio torna-se significativo, pois conecta loucos e cegos na dissolução de sua humanidade:

Os loucos não são homens que perderam a razão, mas animais dotados de uma ferocidade natural que precisa ser fisicamente coagida. Despojando o homem de sua humanidade (isto é, racionalidade), a loucura o coloca em relação direta com a animalidade. E esta protege o louco contra as doenças, a fome, o calor, o frio, a dor, em suma, contra todas as misérias da existência. Conseqüentemente, os loucos não requerem proteção. Como os animais, eles receberam da natureza o dom da invulnerabilidade. Nesse sentido, eles não precisam ser curados (a loucura não é doença), nem corrigidos (ela não é desvio). Para ser dominada, a loucura deve ser domesticada e embrutecida, pois a sua natureza é diferente da natureza do homem (FRAYZE-PEREIRA, 1984, p. 71).

Como afirmamos, a vida no manicômio realiza o ápice do processo de desumanização que a obra apresenta, o uso da razão para destruir a vida. Neste sentido, observamos que as situações mais significativas no manicômio, como o problema com saneamento, o racionamento de alimentos, o furto dos alimentos pelos cegos malvados e o estupro das mulheres, refletem, cada uma a seu modo, as conseqüências que têm para o sujeito este paradigma industrial que rege a sociedade contemporânea.

O plano inicial para lidar com os cegos confinados incluía a distribuição de alimentos, três vezes ao dia, e produtos de higiene e limpeza, quando requisitados via telefone, promessa que perdurou por tão pouco tempo que torna difícil afirmar que tenha sequer sido cumprida em algum momento. Após a chegada de novos cegos, ampliando o grupo de cinco para onze, a comida tornou-se escassa, exigindo um racionamento cada vez mais intenso conforme o manicômio atingia a superlotação. Fazia parte do plano também a sugestão, não ordem, para que os cegos das diferentes camaratas se organizassem como melhor entendessem, sendo recomendada a eleição de responsáveis.

Com a escassez de alimentos e produtos para

higiene e um influxo crescente de cegos, a vida no manicômio logo tornou-se caótica. O ápice deste caos é lido na saga dos cegos malvados, que, organizados em torno de um líder e armados, tomam para si o controle de toda a comida e passam a comercializá-la em troca de bens e, quando estes esgotam, mulheres, cujos estupros levam à morte de uma. Todo este processo culmina no incêndio, iniciado pelo isqueiro da cega, reduzindo os gritos e uivos dos cegos malvados, tão "protegidos" em sua fortaleza que se tornou prisão, ocasionando a fuga em massa e o início da vida pós-manicômio.

O que em um primeiro momento pode ser lido como uma redução dos seres humanos a seus mais básicos instintos, onde a violência desregrada domina e as necessidades básicas falam mais alto, se trata, ao contrário, de exposição extremamente fiel dos moldes que a racionalidade toma na sociedade industrial. A falta de saneamento e descaso com o fornecimento de alimentos são sintomas de uma realidade social onde àqueles que se encontram fora da lógica da produção e do consumo é reservado apenas o suficiente, normalmente o mínimo, para a sobrevivência, isso quando não são alvo de políticas de extermínio por parte do estado.⁵ A redução das mulheres ao *status* de moeda de troca denuncia nesta mesma realidade a existência de sujeitos que, inseridos na lógica do consumo, são constituídos como produto e não consumidores. Assim, como quem segue um roteiro, surge a ordem quase que natural dos cegos malvados, exigindo mulheres, como o próprio narrador coloca: "Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, *ainda que não de todo insólita*, exigência causou a indignação que é fácil imaginar [...]!" (SARAMAGO, 2017, p. 65, grifo nosso). Mesmo a reação dos cegos acusa uma concepção do corpo feminino enquanto objeto de consumo. É o caso das mulheres que, sem parceiro, não viam justiça em ceder seus corpos para que os companheiros das outras

⁵ Para uma discussão sobre a vida matável (conceito de Agamben) em *Ensaio Sobre a Cegueira*, ver Röhrling (2011).

comecem, incluindo uma que afirma o seguinte: "Eu sou muito senhora de lá ir, mas o que ganhar é para mim, e se me apetecer fico a viver com eles, assim tenho cama e mesa garantida". Outras dessas reações é a do primeiro cego, que invoca a dignidade, que mais parece ser a de si próprio do que a da esposa:

O primeiro cego começara por declarar que mulher sua não se sujeitaria à vergonha de entregar o corpo a desconhecidos em troca do que fosse, que nem ela o queria nem ele o permitiria, que a dignidade não tem preço, que uma pessoa começa por ceder nas pequenas coisas e acaba por perder todo o sentido da vida (SARAMAGO, 2017, p. 167).

Uma opinião cuja explicação perde-se em reticências.

Vê-se que desde o primeiro momento como a vida dos cegos está atravessada pela ação do estado em todos os âmbitos. Sua vida, facilmente matável, uma "vida nua" – "a possibilidade de alguém ser morto sem que isso constitua um crime para o assassino" (RÖHRIG, 2011, p. 4). É assim que tanto o estado quanto os próprios cegos enxergam a vida, o que é manifestado na execução do ladrão de automóveis pelo exercício e no estupro sistemático das mulheres, mas sobretudo na política de encarceramento do estado, que deu origem às condições para que tais eventos ocorressem.

Efetivamente, a vida no manicômio traz à tona diversos elementos característicos da sociedade industrial contemporânea, tema passível de investigação mais delicada, enriquecendo nossa tese segundo a qual a cegueira branca está profundamente relacionada com os problemas contemporâneos. A associação dos cegos ao manicômio, à semelhança dos loucos, constituindo um processo intenso de animalização dos sujeitos se revelou uma estratégia exitosa para revelar, ironicamente, que longe do instinto, que aos animais serve muito bem, é justamente a razão a responsável pela barbárie manicomial. Não seríamos capazes de expressar essa conclusão melhor que o diálogo entre a mulher do médico e seu marido já o faz: "Não quero acreditar que isto esteja a acontecer, é contra todas as regras

de humanidade, É melhor que acredites, porque nunca te encontres diante de uma verdade tão evidente" (SARAMAGO, 2017, p. 69).

1.3 A vida pós-manicômio

Os dois primeiros momentos da obra, o pré-manicômio e a vida no manicômio, apresentam um nítido processo de desenvolvimento da epidemia de cegueira em direção ao caos, desde o seu tímido e inexpressivo surgimento até seu ápice, na completa animalização dos sujeitos. Não acompanhamos propriamente as consequências da cegueira no mundo externo, limitados aos eventos internos ao manicômio, mas podemos supor que este cenário serve de modelo para o que se sucedeu, especialmente, após a exposição dos cegos às ruínas da cidade.

Na manhã seguinte ao incêndio, o grupo de cegos dirigiu-se ao centro da cidade, cujas ruas estavam completamente desertas e repletas de lixo, e as lojas praticamente todas trancadas. Todos haviam cegado. Em um diálogo entre a mulher do médico e um dos cegos, que agora organizavam-se em grupos em uma vida nômade de loja em loja, é revelado o novo modo de vida que se estruturou com a cegueira:

Os que andam em grupo, como nós, como quase toda a gente, quando temos de procurar comida somos obrigados a ir juntos, é a única maneira de não nos perdermos uns dos outros, e como vamos todos, como ninguém ficou a guardar a casa, o mais certo, supondo que tínhamos conseguido dar com ela, é estar já ocupada por outro grupo que também não tinha podido encontrar a sua casa, somos uma espécie de nora às voltas, ao princípio houve algumas lutas, mas não tardamos a perceber que nós, os cegos, por assim dizer, não temos praticamente nada a que possamos chamar nosso, a não ser o que levamos no corpo [...] (SARAMAGO, 2017, p. 216).

Assim, duas consequências podem ser extraídas desta constatação: a transformação da ideia de propriedade; e a gênese de um novo organismo, composto de múltiplos indivíduos, o grupo de cegos. Sobre a concepção de propriedade, é significativo que um dos primeiros eventos da narrativa tenha sido o furto do automóvel do primeiro cego pelo ladrão de automóveis, que

ocorre justamente graças à desconfiança de que este último pudesse se aproveitar da condição de cego daquele para furtar bens de seu apartamento. Ironicamente, este mesmo apartamento acaba por tornar-se propriedade alheia, onde o grupo encontra um escritor a viver.

1.3.1 Propriedade e individualismo

Diferente da dinâmica do manicômio, onde a propriedade logo foi monopolizada por quem detinha o poder, materializado em uma arma de fogo, na cidade arruinada todos são equivalentes em termos de poder: ninguém o detém. E mesmo aqueles que buscam monopolizá-lo, servindo-se com exclusividade dos estabelecimentos com alimentos, sentem rapidamente sua impotência:

Quem o fizesse, o mínimo que lhe poderia acontecer era nunca mais ter um minuto de sossego, digo o mínimo porque ouvi falar do caso de uns que o tentaram, fecharam-se, trancaram as portas, mas o que não puderam foi fazer desaparecer o cheiro da comida, juntaram-se fora os que queriam comer, e como os de dentro não abriram, pegou-se fogo à loja, foi remédio santo, eu não vi, contaram-me, de toda a maneira foi remédio santo, que eu saiba ninguém mais se atreveu [...] (SARAMAGO, 2017, p. 216).

Não é imprevisível a reação dos cegos diante de uma injustiça como esta, mas é importante notar que o controle de bens por um indivíduo ou um grupo de pessoas constitui exatamente o modo de existência que possuíam antes de cegarem, o regime da propriedade privada. A distinção fundamental entre o que viviam antes e o que vivem no momento é a ausência do estado como garantidor da propriedade, que decorre da tradição do liberalismo iluminista, terreno ideológico da burguesia. Nessa tradição, os cidadãos, todos livres, constituiriam a sociedade civil através de um contrato, onde é garantido o direito à propriedade, que é, segundo Rousseau (1996), "o mais sagrado de todos os direitos dos cidadãos [...] o verdadeiro fundamento da sociedade civil e a verdadeira garantia dos compromissos dos cidadãos" (1996, p. 42-43). Essa concepção, entretanto, está inserida em um projeto de sociedade burguesa. Assim, o seguinte trecho do iluminista

francês é significativo: "as leis são sempre úteis àqueles que possuem e nocivas para aqueles que não têm nada: donde se segue que o estado social é vantajoso apenas para os homens na medida em que todos eles têm alguma coisa e que nenhum deles tem demais" (ROUSSEAU apud MOSCATELI, 2019, p. 53). Na cidade arrasada, não há lei e nem "vantagem" do estado social: nenhum tem demais e eles não têm coisa alguma, ao menos nada além do próprio corpo.

Um exemplo histórico da utilidade das leis para os proprietários e nocividade para os despossuídos pode ser encontrado nos artigos de Marx acerca da lei referente ao furto de madeira na Renânia. A essa altura de sua trajetória, o ainda jovem Marx era redator da Gazeta Renana e já se apresentava como crítico à perversão da propriedade comunitária pelos interesses privados (VIEIRA, 2019). A lei teve como objetivo criminalizar qualquer tipo de apropriação de madeira, mesmo a coleta de "madeira quebrada acidentalmente ou derrubada em troncos inteiros cuja preparação ainda não tenha começado" (MARX, 2017, p. 14), cujos costumes tinham como aceitável. Marx (2017) tensiona o raciocínio da legislação e revela a própria natureza da propriedade privada:

Se todo atentado contra a propriedade, sem qualquer distinção, sem determinação mais precisa, for considerado furto, não seria furto também toda propriedade privada? Por meio de minha propriedade privada não estou excluindo todo e qualquer terceiro dessa propriedade? Não estou, portanto, violando seu direito à propriedade? (2017, p. 56).

O que diferencia a propriedade privada do furto é a proteção do estado à primeira. Assim, a concepção rousseauiana se mostra contraditoriamente correta, não na medida em que o estado social seja vantajoso em suas condições atuais, ideia sustentada apenas por um tremendo idealismo, mas justamente pelo fato de que, se a vantagem do estado social depende de uma distribuição relativamente igualitária da propriedade, onde ninguém tem demais e todos têm algo, o estado burguês não seria vantajoso para os sujeitos em geral, mas apenas para os proprietários, que fazem do estado um reprodutor

de seus interesses, tanto no mundo anterior à cegueira como na Renânia de 1842.

Com o fim da propriedade privada e pessoal, a própria organização social baseada no individualismo passa a sucumbir, fato ressaltado na seguinte passagem:

Nenhum dos nossos cegos se lembrou de perguntar como é que vão navegando os outros grupos, se também andam assim atados, por este ou outros processos, mas a resposta seria fácil, pelo que se tem podido observar, os grupos, em geral, salvo o caso de algum mais coeso por razões que lhe são próprias e que não conhecemos, vão perdendo e ganhando aderentes ao longo do dia. Há sempre um cego que se tresmalha e se perde, outro que foi apanhado pela força da gravidade e vai de arrasto, pode ser que o aceitem, pode ser que o expulsem, depende do que traga consigo (SARAMAGO, 2017, p. 249).

Uma vez despossuídos, a solidariedade grupal passa a ser o princípio organizador da relação social entre os cegos. Uma leitura fetichista poderia muito bem caracterizar tal mudança como um regresso a um estágio "menos desenvolvido" do progresso humano. Essa leitura, no entanto, peca em um ponto fundamental, pois divorcia as relações entre os sujeitos de suas determinantes sociais. Se aqueles sujeitos, todos contemporâneos ao capitalismo tardio, constroem uma organização social baseada em grupos, uma espécie de novo organismo, isto se deve ao fato de conservarem o que há de mais essencial: "[...] a essência humana não é uma abstração intrínseca ao indivíduo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais" (MARX; ENGELS, 2007, p. 534). Ou seja, a construção do grupo de cegos está intimamente ligada às relações sociais que emergem da cegueira. Bem é verdade que os cegos ainda existem individualmente, mas o que a cegueira suscita não é a ruína do indivíduo como produto de um processo de individuação, desenvolvimento orgânico e social do sujeito, mas sim a ruína do individualismo, campo ideológico da reificação. O que a constituição do grupo de cegos revela, em última instância, é a ilusão do individualismo, que, naturalizando as relações sociais reificadas do capitalismo, caracterizadas pela coisificação dos sujeitos, concebe o sujeito

burguês, individual e proprietário, como modelo universal de ser humano.

Aportes conclusivos: lucidez?

Assim como veio, a cegueira se vai, brusca-mente. A cegueira parece emular um castigo divino, uma ocasião de diagnóstico social dos rumos daquela sociedade:

Um pouco adiante a mulher do médico disse, Há mais mortos no caminho do que é costume, É a nossa resistência que está a chegar ao fim, o tempo acaba-se, a água esgota-se, as doenças crescem, a comida torna-se veneno, tu o disseste antes, lembrou o médico, Quem sabe se entre estes mortos não estarão os meus pais, disse a rapariga dos óculos escuros, e eu aqui passando ao lado deles, e não os vejo, É um velho costume da humanidade, esse de passar ao lado dos mortos e não os ver, disse a mulher do médico (SARAMAGO, 2017, p. 284).

A sociedade construída com o retorno da visão é objeto de outro romance do autor, *Ensaio sobre a lucidez*, cujo estudo extensivo foge do objetivo deste trabalho. No entanto, podemos esboçar algumas palavras sobre a lucidez. No fim de *Ensaio sobre a cegueira* destaca-se o diagnóstico que apontamos ao longo deste trabalho: "Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem". Assim, a epidemia de cegueira não passa de um alerta, um abrir de olhos, se possível, acerca da situação em que vivem. A primeira ação propriamente lúcida só ocorre anos depois com a epidemia de votos em branco, uma espécie de inspiração divina popular.

É em um breve momento da obra, porém, que muito de seu sentido pode ser extraído no que diz respeito a nossa discussão. Ao caminhar pela praça dos cegos que profetizam, a mulher do médico é categórica: "Aqui não há ninguém a falar de organização" (SARAMAGO, 2017, p. 284). De fato, a falta de organização, ou mesmo a sua destruição quando raramente é estabelecida, é uma questão recorrente não só na epidemia de cegueira, mas também no caso dos votos em branco. E se de forma desorganizada a cegueira veio e se foi, assim também se mostraram os

votos em branco, com a morte efetiva da mulher do médico e simbólica da esperança. Assim, as epígrafes de ambas as obras têm muito a nos dizer. No primeiro ensaio: "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara". Quando reparar não basta, há o segundo ensaio: "Uivemos, disse o cão". E, ainda assim, este calou-se após o terceiro tiro.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FRAYZE-PEREIRA, João A. *O que é loucura?* Brasiliense: São Paulo, 1984.

JAMESON, Fredric. A interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico. In: JAMESON, Fredric. *O Inconsciente Político*: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática, 1992. p. 15-103.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: "Que é Esclarecimento?". In: KANT, Immanuel. *Textos seletos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-117.

MARX, Karl. *Os despossuídos*. Boitempo: São Paulo, 2017.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Boitempo: São Paulo, 2007.

MOSCATELLI, Renato. O pensamento político de Rousseau à luz do debate liberal- comunitário. *Dois pontos*, São Carlos, v. 16, n. 1, p. 51-70, ago. 2019.

RÖHRIG, Maiquel. Uma leitura humanista de *Ensaio sobre a cegueira*, *Ensaio sobre a lucidez* e *As intermitências da morte*, de José Saramago. *Nau literária*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a economia política e do contrato social*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Companhia das Letras: São Paulo, 2017.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. Companhia das Letras: São Paulo, 2020.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote (2)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SARAMAGO, José. Saramago anuncia a cegueira da razão. [Entrevista concedida al Bia Abramo. *Folha de SP*, São Paulo, out. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/18/ilustrada/1.html>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SARAMAGO, José. A humanidade não merece a vida. Sabatina. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, out. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2911200830.htm>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

SILVEIRA, Gisele Fredes. O caos social na cidade fictícia de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. *Nau li-*

terária, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 1-7, jul./dez. 2012.

VIEIRA, Julia Lemos. O problema da propriedade privada para o jovem Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, n. 2, p. 123-150, abr./jun. 2019.

Sandra Aparecida Ferreira

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; pós-doutorado em Teoria Literária pela Universidade de Coimbra. Professora de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCL-Assis), em Assis, SP, Brasil.

João Carlos Soares dos Santos

Graduando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, em Assis, SP, Brasil. Desenvolve pesquisa sobre a obra de Jean-Paul Sartre financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Endereços para correspondência

Sandra Aparecida Ferreira

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Departamento de Linguística

Av. Dom Antonio, 2100

Vila Tennis Clube, 19806-330

Assis, SP, Brasil

João Carlos Soares dos Santos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Departamento de Psicologia Social e Educacional

Av. Dom Antonio, 2100

Vila Tennis Clube, 19806-330

Assis, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.